

Arroz pode compensar perdas

Se as exportações do complexo soja vão mal, o presidente do Instituto Riograndense do Arroz (Irga), Araré Vargas Fortes, acha que parte das perdas poderão ser compensadas com a venda de arroz. Nesse caso, a esperança está no êxito da tentativa da Interbrás de trocar 150 mil toneladas do produto por petróleo da Arábia Saudita — que importa 400 mil t por ano — ou do Iraque.

A cotação internacional do arroz, de US\$ 350 a tonelada, está abaixo dos preços praticados no mercado interno, mas Fortes acredita que o governo encontrará uma solução para possibilitar a exportação. "Devemos ter uma compensação pela autorização dada à importação de 200 mil t da Argentina e Uruguai, em um momento de excedentes no País", afirma. De fato, da produção gaúcha de 2,6 milhões de toneladas de arroz, 1,1 milhão ainda se encontra depositado e financiado com empréstimos do governo federal, sem mercado para absorvê-los.

Outra compensação para as perdas com a soja é esperada do fumo em folhas que está valorizado no mercado internacional. Segundo o presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil, Antônio Werner, o Rio Grande do Sul responde por 45,7% das exportações de fumo do País, tendo exportado este ano 75.528 t do produto — quantidade praticamente igual à de todo o ano de 1981.

Até o momento, as agências da Cacex de Santa Cruz do Sul e Porto Alegre já liberaram exportações de fumo num total de US\$ 229 milhões, em comparação com os US\$ 175 milhões obtidos em todo o ano passado. Já os valores das exportações de fumo da Bahia — o outro grande produtor — diminuíram 29% em receita e 48,2% em

volume, segundo estimam fontes do setor.

CACAU

A Bahia, aliás, também viu diminuir sua receita com os outros dois produtos primários mais importantes de sua pauta de exportações: o cacau e o sisal. No caso do cacau, o assessor econômico do Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau, Carlos Schneider, calcula que a lavoura baiana teve um prejuízo acumulado de US\$ 800 milhões desde 1980, levando à retração dos investimentos no setor, desemprego em massa, redução dos tratos culturais com o risco da queda de qualidade do produto e, até mesmo, à inviabilização do Procacau (programa de expansão da lavoura que, em seis anos, incentivou os produtores a plantar 166 mil novos hectares).

Entre 1979 e 1980, o valor exportado em cacau diminuiu de 438 milhões para 269 milhões de dólares (-38,3%). Em 81, apesar do aumento de 1,2% no volume das exportações, a receita cambial diminuiu 19,8% e as previsões para 82 são de exportar quantidade igual à do ano passado — quase quatro milhões de sacas de cacau em amêndoa e derivados —, mas com uma receita bem inferior.

Por isso, os produtores pleiteiam junto ao governo uma garantia de recebimento do preço mínimo fixado pelo Acordo Internacional do Cacau — US\$ 1,10 por libra-peso — na forma de subsídios, uma vez que o acordo não é cumprido, com o atual em torno dos 60 centavos de dólar.

O sisal, segundo produto primário das exportações baianas, não enfrenta situação tão grave, mas as exportações tiveram uma queda de 44% em volume e 51% em receita, entre 1980 e 1981.